



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 29 de Setembro de 1984 * Ano XLI — N.º 1058 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Como este gaiato que faz a «Lixo das ruas...», fascinado com o natural encanto da nossa Aldeia em Paço de Sousa, ainda há quem acredite na beleza das flores, das aves, dos montes, dos rios... Se sinta feliz e agradeça ao Senhor todas as coisas boas e belas!

NOTAS DA QUINZENA

1 Ainda há quem acredite na beleza das flores, das aves, dos montes e dos rios... Se sinta feliz e agradeça ao Senhor todas as coisas boas e belas!

Infelizmente, muitos de nós perdemos o tempo e o lugar... e não olhamos mais um enxame de abelhas, um tojo florido e um melro no bosque!

Há dias, entre prédios altos, fiz notar a um amigo uma roseira — lindo «cachos» de rosas vermelhas! «Mas, passo aqui todos os dias e nunca tinha reparado!...» Somos mais inclinados a olhar os sacos do lixo e o sujo dos cães nos passeios apertados. Também a Imprensa que temos é solícita em nos mostrar com requinte, todos os dias, os roubos, crimes, a droga apreendida e, até, a cor dos atacadores usados pelos nossos desportistas.

Talvez, involuntariamente, escondemos o bem e a beleza...

No entanto, nota-se, na nossa sociedade e neste tempo, uma fome e uma sede de bem que esta pobre sociedade de

consumo não aplaca — e geram em nós ansiedade e angústia; ambas fruto e alimento dos aspectos negativos em que nos comprazemos.

Ensimesmados, assistimos no grande circo de jogos ao en Deusamento dos corpos, das formas e das banalidades.

É urgente que todos mostremos o bem existente em cada um de nós e vejamos, realmente, o bem nos Outros e no Mundo.

2 Dentro da concepção cristã, o bem só o é, total e verdadeiramente, quando se fundamenta na vida espiritual e se projecta na linha de Eternidade.

Só o próprio Deus — Água Viva — aplacará a nossa sede! Só o Seu Corpo matará a nossa fome!

A maior parte dos cristãos esqueceu esta verdade e procura saciar a fome e sede no material e vazio: Outra ge-leira; um novo carro; nova cor na casa; outra mulher — outro

homem... Inútil. Mais angústia no coração!

3 As cartas que temos recebido, relativas aos «Retalhos de vida» do nosso Carlos Bento, são sinal evidente de fome e de sede — mas da Fonte, da Vida nova, do Reino de Deus.

Filhos de Deus, felizes pela entrada do Bento no Seminário!

Eis um: «Que nele desabroche uma verdadeira vocação sacerdotal de completa entrega aos Irmãos. A semente foi lançada, que a terra seja boa».

Outro: «Fiquei emocionada e não me canso de louvar o Senhor, pedindo que ajude o Bento a realizar o seu sonho».

E um sacerdote: «Deus permita que o Bento seja o fermento que vos dê muitas outras vocações nesta Igreja em Portugal tão cheia de problemas e tão carecida de sacerdotes que sejam verdadeiramente sacerdotes e «só» sacerdotes».

E mais... Todos a quererem dar uma ajuda nos seus estudos.

Bendito seja Deus!

Entremos e meditemos profundamente na razão desta fome. Alegremo-nos, também, pela tomada de consciência de tantos cristãos perante o problema das vocações. Lição a

Cont. na 4.ª página

MAIS UM AVISO para os nossos Leitores

Muitas vezes tem acontecido que, ao longo dos anos, pessoas mal intencionadas usem o nome da Casa do Gaiato — da Obra da Rua — para extorquir dinheiro aos nossos Amigos, dinheiro que depois guardam no seu próprio bolso! Sobretudo nos meios grandes, de Lisboa e Porto, isto tem acontecido com alguma frequência. Quase sempre o fazem com listas de peditório onde inscrevem o nome de quem dá e a importância dada. Mais recentemente, no Porto, têm andado a vender bilhetes para um sortelo, com carimbos que dizem ser da Casa do Gaiato!

Temos sido já várias vezes informados deste facto. Ainda ontem uma senhora do Porto nos contou a seguinte história:

Foi abordada na Escola do Magistério do Porto por um rapaz que andava a vender rifas a favor da Casa do Gaiato, para um sortelo de um televisor a cores. A senhora, por amizade para conosco, achou por bem ajudá-lo e usando dos seus conhecimentos junto dos colegas e alunos, passou muitas dessas rifas. Passado algum tempo, o mesmo rapaz voltou ao Magistério e informou que o televisor tinha saído à senhora que o tinha ajudado na venda das rifas. Ela, acreditando, dirigiu-se ao nosso Lar, no Porto, e só aí teve conhecimento de ter sido enganada.

Perante o que acima fica dito, seria bom lembrarmos, aqui, alguns dos princípios que nortearam Pai Américo quando fundou as Casas do Gaiato, para que os nossos leitores bem informados não se deixem ludibriar.

Pai Américo quis que os rapazes ao entrarem nas Casas do Gaiato passassem a viver numa família onde os seus direitos mais essenciais sejam respeitados. Por isso, nunca, desde o princípio da Obra da Rua, algum rapaz foi mandado a «pedir». Essa missão, quando necessária, é sempre exclusiva dos Padres. E nunca fizemos sorteios nem peditórios desse género. Os rapazes apenas vendem o jornal O GAIATO. Só nessa missão os poderão reconhecer como enviados autênticos da nossa Obra e, quando vão, levam um cartão que atesta serem nossos.

Tem a Obra da Rua sido ajudada por gestos directos de generosidade que, tantas vezes, a nós que estamos dentro, nos fazem sentir pequenos!... Gestos que vão tornando maior o nome da nossa Obra, nascida em Nome de Deus e alimentada pelo amor que Deus gera em todos os Amigos que nos ajudam. Por todas estas razões nos dói ver o seu nome usado para se abusar da boa vontade e da bondade das pessoas!

Padre Abel

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

REFLEXÃO — «Salvo melhor opinião de mestres afigura-se-me que toda a obra de Assistência à mocidade indigente deve incutir, no ânimo dos jovens, amor ao trabalho e ensiná-los a trabalhar. Sendo certo que o trabalho é o remédio eficaz contra a miséria» — *Pai Américo*.

TRABALHO — Findaram as férias e nós sabemos que todos os trabalhos da Casa são obrigação de cada um. Os «Batatinhas» varrem as ruas, raspam as ervas e apanham o lixo. Os vaqueiros tratam das nossas vaquinhas. Os suinicultores tratam dos porcos e outros das limpezas das casas e arranjam os jardins. Os nossos agricultores lavram, fresam, semeiam, plantam. O nosso padeiro faz o pão-nosso-de-cada-dia. Os mais velhos têm a responsabilidade do trabalho que executam nas oficinas-escolas de tipografia, serralharia e carpintaria.

Ainda há dias fomos a uma quinta, no Carregado, apanhar umas pêras que nos ofereceram. Partimos às oito horas. Enchemos a nossa carrinha «Ford». Viemos almoçar. À tarde partimos novamente e trouxemos mais uma carga de pêras. De regresso a Casa alguém me dizia:

— Zé Góis estivemos a trabalhar para toda a Comunidade...

Não sei o porquê da interpelação e perguntei:

— E lá em Casa também não trabalhamos para toda a Comunidade?

Diz-nos Pai Américo: «Fazem mandados e recados como quem brinca, pondo em tudo a marca do seu ser. A casa fica a espelhar. Não é para mostrar a quem venha que temos a casa assim limpa, é para conforto e bem-estar. É educar».

Todos nós trabalhamos uns com os outros. Todo o trabalho é válido para todos. Cria-se harmonia e bem-estar e é o trabalho que nos oferece o que nos servem à mesa — alimentos que não alimentam só o nosso corpo mas também o nosso espírito.

AULAS — Aproxima-se o ano lectivo 84/85 e os nossos Rapazes já estão matriculados. A maioria, no ensino primário. No 1.º ano do C. P. T. V. estão o Hélio, Abílio, Caldeira, José Manuel Nunes, Albino, Silva, Bilas e Jorge de Alcântara. No 2.º ano do mesmo ciclo: Diamantino, Oscar, Paulo Alexandre, José Porto e Paulo Vilela. No ensino secundário, 7.º ano de escolaridade: «Pistol», «Tótó» e Cassinda. No 8.º ano de escolaridade, Paulo Renato; e no 11.º ano o José Góis. Saibamos todos receber as lições indispensáveis ao nosso futuro. É trabalho, esforço e amor...

Para os muitos estudantes que irão frequentar as aulas nas escolas primárias, secundárias e universidades, aqui ficam os votos de bom ano e bom estudo.

ENTREVISTA — Em Setembro, as Senhoras que servem de Mães em nossa Casa participaram num Retiro, em Fátima, onde puderam estar mais

perto de (e com) Deus, Nossa Senhora e Pai Américo. Entrevistámos a D. Helena:

J N — Como decorreu o Retiro?

D. H — É uma das muitas formas de comunicarmos com Deus: Muitos esclarecimentos sobre a fé cristã, conhecimentos da nossa vida árdua, o modo de como nos comportamos umas com as outras no Amor de Cristo, testemunhos, os problemas da juventude... Foram dias em que recebemos doutrina para pôr em prática a bem do Rapaz. Fagulhas que saltaram do coração ardente de Cristo para caírem no coração de cada uma.

J N — Quais os objectivos de um Retiro de Senhoras da Obra da Rua?

D. H — Vivemos mais intimamente com Cristo e termos mais esclarecimentos sobre a fé cristã.

J N — Como vê o Rapaz nas Casas do Gaiato?

D. H — Necessidade de amparo, carinho, amizade, tudo o que lhes é necessário: educá-los, dar-lhes amor, a família que nunca tiveram...

J N — Quais são as actividades das Senhoras na Casa do Gaiato? Uma vida difícil, mas com profundidade e muita alegria interior!...

D. H — Sentimos uma afeição muito especial por todos, com pena de não podermos ser melhores para eles — as ocupações em limpezas, cozinha, arrumações das casas tiram-nos muito tempo de reflexão ao serviço do Rapaz.

J N — «Deixai-me servir...»

D. H — O que é que nós cá estamos a fazer? Servir os Rapazes, orientando-os para o bem, dando-lhes palavras e provas de carinho, preenchendo quando fazem o mal — sofrendo com o sofrimento deles.

J N — Como sente o relacionamento Senhoras-Rapazes?

D. H — Como uma Mãe que dá tudo a seu filho. Muitos não compreendem o amor que lhes oferecemos, pois nunca o tiveram das suas próprias Mães — o amor familiar. É a ternura e o desgosto num beijo.

J N — Dão-se totalmente à Obra, as 24 horas do dia ao serviço do Rapaz...

D. H — Servindo o Próximo no amor de Cristo. Pois quem não ama o rapaz abandonado, o pobre, o doente incurável... não ama a Deus.

SERENATA

Anjos do céu
Uni o meu amor!
Choro por ele,
Owí, meu Senhor.

O dia escurece,
É nuvem que vem
O vento soprando,
Nos leva de roldão.

Noites de estrelas,
Sonhos também,
Alegres ou tristes,
Não quero dizer não.

Sol doirado,
Vem-me aquecer,
Sinto a tua falta
Não me deixes morrer.

Manuel Henriques

J N — O que é que a motivou para se oferecer à Obra da Rua?

D. H — Ouvi falar de Pai Américo — servindo a Cristo, ajudando o Próximo. E num dia em que fui a Setúbal estava um gaiato a vender o jornal e comprei-lhe um. Senti que alguém precisava de mim, ao ler no jornal: «Senhoras precisam-se para ajudarem o Rapaz pobre e abandonado, senhoras que se dêem totalmente à Obra». Vim logo com a disposição de ficar dando o meu melhor com todos os meus defeitos...

Pai Américo, um homem admirável, fundou uma Obra de acolhimento ao Rapaz pobre e abandonado. Isto é maravilhoso!

José Manuel dos Anjos Nunes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Cheque de um bom Amigo, do Porto, dividido por vários sectores e para os Pobres são quatro contos. Metade duma anónima a cuja família muito deve também a Obra da Rua.

Aquele SOS lançado na edição anterior foi chiapa que fez lume! Aí vai uma *procição* de samaritanos d'alma cheia no amor do Próximo:

Rua Ricardo Jorge, Lisboa, vale postal «para a irmã cancerosa», pedindo orações «por alma dos meus pais e por esta pecadora (bem necessitada)». Cheque, para o mesmo fim, da assinante 23888, de Olhão, que não «deseja o nome publicado n'O GAIATO». Outro da assinante 26906, das Caldas da Rainha, «para aliviar essa santa mulher». E mais «um anónimo», do Porto, «pedindo, apenas, que rezem um Pai-Nosso e uma Ave Maria pela alma de Maria Manuela que também muito sofreu». Assinante 1174, de Trás-os-Montes, «pequena ajuda» e um desejo: a doente faça «uma breve prece, rogando ao Senhor por um ente moralmente infeliz, sem hombridade moral para se livrar da sua desgraça». Que diria o Senhor, nosso Deus? Este Amigo já tinha comparecido anteriormente, sublinhando «o maior sigilo, se a oferta for publicada». Cumprimos.

«Avó de Sintra» com «pequena migalha mensal» e «logo que me aumentem a pensão, aumentarei também a migalhinha». Retribuímos o «abraço amigo». De Parede, cheque «para os mais pobres». Os 10 rands habituais, de Durban (África do Sul). Assinante 16225, do Porto, 460\$00. Ainda do Porto, Rua Augusto Gil, 500\$00: «Eu não esqueço os Pobres. A vida é que está mais complicada...» Avenida Gil Vicente, V. N. de Gaia, «pequeno contributo», em cheque, «para os Pobres». Penalva do Castelo:

«Por este correio segue um vale para ser distribuído (por várias intenções).

Depois de tão longo silêncio tenho pena de mandar tão pouco! Mas a nossa vida tem sido bem visitada pelo sofrimento e, além disso, tivemos de contribuir para o arranjo duma casinha de alguém que há

muito está ao nosso serviço e que pela sua honestidade se conserva pobre.

Esqueçam sempre o meu nome, mas não me esqueçam nas vossas orações... Muitas vezes desunimo ante a nossa pesada cruz, que não aproveita quase a ninguém, pois nem consigo obter, por ela, a conversão dos que estimo e vejo tão longe de Deus.

É a lembrança da frase daquele cântico, que diz: «Senhor, tu amas a cada homem como se apenas ele existisse em toda a terra», que me leva a confiar em todos os homens sem discriminação. Mesmo os que não são crentes. E, por isso, peço orações por eles, esperando de novo que as dores de cada dia não sejam inúteis.»

A Boa Nova de Jesus está gravada na alma desta senhora, cristã pelo Baptismo, que prega, à sua maneira, o Mandamento Novo.

Vilares (Vila Franca das Naves), 500\$00. Fundão, o dobro, para assinalar «o aniversário do falecimento de minha Mãe», destinados «a uma velhinha necessitada». Por vale de correio, «a partilha mensal, com toda a fraternidade, de uma assinante de Paço de Arcos». Damos graças a Deus pela constância. Todos os meses é assim! Queluz, sobras de contas com O GAIATO. Braga, cheque «para as Viúvas ou para quem entenderem que precisa de ajuda». É assim o amor ao Próximo! Mil escudos de «Uma Amiga» da Rua Júlio Dinis — Porto. A presença habitual de «uma portuense qualquer». Valbom (Gondomar), 1.000\$00 «para uma Viúva necessitada». Remessa habitual da assinante 19177.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

AGRICULTURA NO GOVERNO

AGRICULTURA — São raras as vezes que não aparece no nosso jornal uma crónica sobre a agricultura. O contrário é que seria para admirar.

A agricultura é sempre notícia em qualquer época do ano. É aí que reside a maior parte do nosso trabalho, é ela que nos sustenta.

A mãe-Natureza é tão pródiga! Que seria de nós se apenas quiséssemos colher os frutos que nos dá e não a trabalhássemos para que ela nos desse? Decerto o pão que hoje comemos saber-nos-ia a fel porque não tinha o nosso próprio suor para o adocicar.

Há tanta coisa para contar! São as uvas que rebentam, crescem e começam a pintar; são as batatas, o feijão, o milho, as couves, os tomates, a fruta e tanta coisa mais! Por isso, nós vamos dando conta destas pequeninas coisas que são maiores que as cifras exageradas que o Estado pede para tentar solucionar os problemas nacionais. Fossem eles ver o lixo dos «grandes» — quanta comida desperdiçada! Mas quê, é melhor chorar a sua falta nos pequenos!

Nós cá nos vamos arranjando e, por esta altura, temos à porta as vin-

dimas. Todos queremos participar, mas, por ora, limitamo-nos a esperar. Paciência.

Os curiosos quiseram saber se as uvas já estavam maduras e puseram-se a «vindimar» antes do tempo. Foram «condecorados»! Há-de haver por aí algum com a «medalha» ao pescoço, que é para a próxima se lembrar que as uvas são de todos.

No milho só falta tirar a espiga e talvez comecemos a comer boroa, pois a farinha está cara. Palha há muita, mas essa só para os bois e as vacas.

A fruta já foi toda apanhada e, como em todo o lado, é pouca. E nós que gostamos tanto de fruta às refeições!

Também já começámos a plantar couves; pois o que seria da nossa sopa sem elas? Só o arroz e a massa é que são comprados; o resto é tudo da nossa quinta. São maravilhas que, porventura, alguns já estão cansados de ler, mas nós é que não nos cansamos de as dizer. Todos as trabalhamos porque todos as comemos.

Venham cá os «grandes» que hão-de aprender muito com os nossos pequeninos.

AULAS — Já não vem longe o novo ano lectivo. Faltará pouco mais de uma semana quando esta crónica sair. Os da Primária irão para as nossas Escolas e os outros para o Lar de Coimbra. O tempo passa vertiginosamente para quem não vive na ociosidade e há tantos que passam a vida a lamentar-se por não terem tempo para nada! Todos demasiado preocupados com os problemas da vida. É necessário aproveitar bem o tempo, quer nos estudos, nos empregos, no trabalho. E tudo está a ficar tão difícil! São médias que sobem dificultando a entrada no Ensino Superior; são as estatísticas do grande número de desempregados; e tantas barreiras mais. Urge pensar no futuro, renunciar a tantas coisas no presente que sirvam de impecilho a uma vida condigna no amanhã.

Estudar é um privilégio que muitos não têm e, por isso, aqueles que têm essa possibilidade cumpram a sua obrigação, que é triunfar.

Para todos os estudantes um bom ano lectivo para que no fim possam ter a consciência de ter cumprido o dever.

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

RETIRO — Nos dias 28, 29 e 30 do mês passado, alguns dos nossos rapazes fizeram um Retiro espiritual, em Cerejais e que, para alguns deles, era a primeira vez.

Pois foi com muita alegria que nós o fizemos, pois gostámos muito das palestras do sr. Padre Ochoa. Falámos da Vida de Cristo, como exemplo para a nossa vida.

Em Cerejais têm a imagem de Nossa Senhora em miniatura.



ANTIGOS GAIATOS

ENCONTRO - 84 EM SETÚBAL

É com muita honra que escrevo pela primeira vez para o «Famoso». E foi preciso que celebrássemos o 29.º aniversário da Casa do Gaiato de Setúbal, que coincidiu com o 5.º Encontro da Associação da Comunidade «Os Gaiatos», para me incumbirem desta missão. Sinto-me honrado, mas ao mesmo tempo temeroso do que possa escrever, uma vez que não tenho muito jeito para a prosa. Aqui vai a crónica do que foi este nosso Encontro:

Olá Jacinto! Olá Emiliano! Olá António Manuel! Como vai a tua cruz? Olá todos! Foi bom que viésseis; neste dia lembrámo-nos, pelo menos, o que éramos e o que nós somos agora e o que poderemos fazer por estes nossos irmãos gaiatos, com a tua presença, a nossa presença e o nosso exemplo, dando-lhes a doutrina da vida que todos nós já experimentámos.

Será neste clima de confraternização que melhor os ajudaremos a compreender e a aceitar os problemas inerentes

a uma família heterogénea, como a nossa, nos seus anseios de libertação, momentos de revolta, tendências de fuga, tão próprias das variadas fases da juventude, na sua afirmação de personalidade. A presença dos mais velhos, acompanhados da família que já constituíram, vem mostrar-lhes, afinal, que não foi tão má assim, essa experiência pela qual todos passámos.

Baseados neste pensamento de fraternidade iniciámos o nosso Encontro com a celebração da Santa Missa, em que o Padre Acílio nos alertou para a Palavra sábia de Jesus: «Aqui-lo que fizerdes ao mais pequenino dos Meus irmãos é a Mim que o fazeis e aqui-lo que fizerdes a Mim, fazeis ao Pai que está nos Céus».

E continuou o Padre Acílio... A gente que conhece um pouco da história, um pouco do pensamento dos homens — dos profetas, dos filósofos, dos políticos — quem é que alguma vez ousou dizer uma coisa

destas? E afirmá-lo com a certeza de que aquilo que diz é cumprido, quem?

Sabeis que a nossa Obra nasceu por causa desta Palavra e por causa deste Homem que se chama Jesus Cristo? É n'Ele e nesta Palavra que disse, que prometeu e que realizou, que está todo o ser da Obra da Rua, feita pelo Pai Américo e por todos os Padres da Rua...

Pois nós, os mais velhos, os casados, somos precisamente o fruto da semente dessa Palavra e temos procurado dar testemunho dela. Vem tu também com o testemunho da tua vida já organizada e, se a não tiveres ainda, vem à mesma que nós damos a mão e ajudamos-te a encontrar o resto do equilíbrio e da força que te faltarem.

Após a celebração da Missa, houve distribuição de tarefas: Uns, mais as suas esposas, foram preparar as mesas e ajudar, na cozinha, o Rogério Pedro, antigo cozinheiro, com quem todos os anos contamos para a preparação do gostoso «rancho» (já na véspera, aliás, um grupo da Comissão, com as respectivas mulheres, tinha vindo descascar batatas, arranjar o feijão verde, cortar a carne, etc., tudo oferecido pela Casa).

Entretanto, os «homens de barba rija» foram fazer gato sapato dos futebolistas cá da Casa, que até estreadam chuteiras novas. Bem... no fim de tanta pancada, ganharam os mais novos, dois a zero (claro), porque os casados já não podiam com as... sapatilhas. Ganharam os melhores!

Enquanto demorava esta partida de futebol, houve banhos na piscina, para todos, o que, aliás, foi uma constante durante todo o santo dia.

Pelas 14 horas tocou para o «rancho» e que grande almoço!, até deu direito a bica e bagaço, após o que se reuniu toda a Associação para discutir

sidia nos arredores de Espinho. Esperamos que ele faça por se tornar um Homem, porque, como Pai Américo diz, a Obra da Rua é para «fazer de cada rapaz um Homem». Deus te ajude, Paulo.

Manuel Augusto («Chinês»)

Azurara

Sempre que possível, em cada turno há um que escreve para O GAIATO. Desta feita, sou eu o cronista.

Neste momento impõe-se um balanço do que foram quase três semanas de praia: libertar a mente dos problemas diários e repousar o corpo das cansaças de um ano de trabalho, deve ser o ponto de partida de quem vai para férias, quer seja na praia ou no campo.

Este turno foi, na maior parte, constituído por miúdos que aprenderam o verdadeiro significado da sua permanência em nossa Casa de Azurara.

Tomar um banho no mar, secar-se na areia e brincadeiras que por vezes pareciam absurdas, eram o seu dia-a-dia, para além dos seus afazeres caseiros.

Apesar de alguns dias nebulosos, houve outros muito bons para a malta se bronzear.

Ao fim e ao cabo, nenhum de nós se pode sentir aborrecido. Fugimos à rotina do quotidiano. Poderíamos não o ter feito, só que sairíamos daquilo a que nos propusemos: descansar o corpo, aliviar a mente.

Em nome dos rapazes do 4.º turno envio um grande abraço aos nossos estimados leitores.

José Alberto Teixeira

Fomos até ao Calvário fazendo a Via-sacra.

Vimos as belas imagens de Nossa Senhora das Dores com Jesus levando a cruz. Meditámos todo o caminho nos passos que Jesus sofreu mais.

No dia seguinte fomos à loca. Meditámos um pouco em todos os mistérios. Também ali tivemos oportunidade de ver a linda imagem de Nossa Senhora de Fátima com os três pastorinhos.

Participámos na Missa todos os dias, juntamente com o povo de Cerejais. E tivemos ocasião de ver as lindas paisagens de Trás-os-Montes! Tudo misturado, campos verdes e campos secos e muito grandes.

Vimos também a barragem do Picote, por dentro e por fora.

Esperamos que este Retiro de três dias tenha ajudado a alguns problemas da vida de cada um de nós.

OBRAS — As obras estão cada vez mais perto do fim.

No campo de futebol os muros estão quase prontos e preparamos, ainda, um campo de ténis, ao lado.

A padaria também não tarda a ficar pronta. Estão já a pôr o forno e, depois, acabará por completo.

O largo, que fica entre o hospital e a casa 3, anda a ser calcetado. Assim, quando chover, já não há covas de lama e as moradias ficarão mais limpas.

TORNEIO DAS VINDIMAS — Terminou com muita alegria e com a colaboração de muitos atletas.

Os nossos atletas conquistaram o 1.º lugar por equipas. Estão de parabéns!

Trouxemos muitas taças para nossa Casa, grandes e pequenas. Esperamos para o ano participar em novo Torneio.

CARAS NOVAS — Mais uma cara nova: o Paulo, de 14 anos, que re-

RETALHOS DE VIDA

«TóTó»



Sou o António Fernando de Jesus Camilo, natural de Lisboa, onde nasci a 13 de Outubro de 1969.

Fui abandonado por minha mãe. O meu pai andava a trabalhar e ela fugiu, deixando-me com fome e sem ninguém que tomasse conta de mim. Meu pai regressou do trabalho e saciou-me a fome. Mas como ele não podia tomar conta de mim, pediu a uma senhora que o fizesse. E assim aconteceu. Meu pai ia visitar-me aos fins-de-semana.

Fiz os sete anos e voltei para junto dele.

Mais tarde o meu pai adoeceu e foi hospitalizado. Recebeu-me então a minha irmã. Fiquei com ela durante um tempo. Entretanto o meu pai melhorou; mas ele não podia ir viver com ele porque não havia condições. Assim, minha irmã pôs-me na Casa do Gaiato e cá estou.

Nunca arranjei tantos amigos!

Meu pai faleceu num acidente. Fiquei muito triste, mas cá estou. Por agora o que tenho a fazer é continuar os meus estudos para que amanhã venha a ser um Homem.

Despeço-me com um abraço para todos os leitores de O GAIATO.

António Fernando («TóTó»)

assuntos referentes à mesma.

Seguiu-se a merenda, composta de sardinhas e coiratos (oferecidos pela Comissão) regados com cerveja, sumol e vinho (reserva da Casa) e, para os mais pequenos, sandes e bolos trazidos pelos visitantes.

Pois meus amigos, foi de faltar e no meio de tanta alegria e sã camaradagem, mais difícil se ia tornando a hora da partida.

Até para o ano, onde vos esperamos a todos!

Para a Casa do Gaiato, na pessoa do Padre Acílio, que nos abriu as portas e tornou possível a realização deste sonho, o nosso sincero obrigado e um abraço amigo.

José Moreira («Pisco»)

N. da R. — Na próxima edição contamos publicar as gravuras das equipas de futebol

— dos mais novos e dos mais velhos.

Região Norte

O Lourenço Martins traz notícia de antigos Gaiatos da região norte que vão recomendar as reuniões habituais. Aí vai o seu recado:

As nossas reuniões no Lar do Gaiato do Porto, à Rua D. João IV n.º 682, vão recomençar — depois de um período de férias — no dia 29 do corrente mês de Setembro.

Comparece! A tua participação é indispensável para que algo resulte de válido... Nós fomos servidos; tentemos, agora, servir os Outros!

PARTILHANDO

● Num dia destes, eu e os nossos vaqueiros fomos visitar a feira agrícola do nosso concelho. Chegados lá, recebemos o convite para participar também numa reunião de agricultores sobre a nossa integração na Europa dos dez. Sentámo-nos e ouvimos. É difícil falar a linguagem do Povo! Ou é pedagogia a menos ou termos técnicos a mais que tornam certos discursos menos claros. O assunto em si, também não é claro... Por isso, o «Vila Real» dormia para um

lado e o Lando abria a boca para o outro! Aquilo não era bem para a idade e interesse deles. E, para nós, será boa esta integração? Pouco ou nada sabemos concretamente... Apenas que somos agora um País numa crise material e moral que torna o nosso céu azul um pouco acinzentado — isso sabemos todos.

O que fomos e o que somos ainda não tem harmonia... Por isso, o nosso País precisa de paz, de pão para todos os seus filhos e de olhar de frente a

sua pequenez — mas descobrindo e accionando, seriamente, as suas potencialidades naturais, que não são poucas!

● A caminho de Trás-os-Montes seguimos eu e Mendão o rumo de Chaves, aonde alguém esperava por nós para nos dar determinada quantia. É assim todos os anos. Dali subimos a Vilarandelo, uma freguesia grande e bonita do concelho de Valpaços, cujo

Cont. na 4.ª página

«Perdoai do íntimo do coração»

Assim termina o texto evangélico deste 24.º Domingo do Tempo Comum, colocando o homem perante a condição sine qua non da sua própria Salvação.

A parábola que serve de premissa a esta conclusão é de tal modo chocante que a ninguém é possível a neutralidade. O juízo é ferido pela crueza do comportamento daquele servo que nem graciosamente desquitado pelo Senhor da sua enorme dívida, perdoa a dívida pequenina do seu companheiro. E a sentença surge imparável: merece a condenação.

Sómente que todos, ouvintes da parábola, julgamos de fora e tendemos a esquecer que a lição é para nós; que esse «servo mau» posso ser eu, pode ser qualquer de nós.

Perdoar não é pouco. Para a maioria dos homens será, porventura, a forma mais difícil de concretizar a Caridade que uns aos outros nos devemos por força do Mandamento. Mas Jesus vai mais longe: exige que «perdoemos do íntimo do coração»!

O que será esta qualidade do perdão? Como alcançá-la?

Perdão perfeito é aquele que abdica da recriminação e do ressentimento. O prefixo significa repetição — repetição que deve evitar-se por respeito à Justiça do Reino que Cristo veio implantar.

O Senhor não quer os homens cadastrados. Cada falta de que são justamente incri-

minados, uma vez satisfeita, uma vez perdoada, deve ser apagada. E se houver nova ofensa? Pois tem de haver novo perdão. «Não digo até sete vezes?» — perguntou Pedro, talvez convencido da sua generosidade... E Jesus respondeu-lhe: «Não digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete», que quer dizer: sempre.

É assim que Deus procede em relação ao homem pecador. Foi para libertar o homem de indelével cadastro que Jesus instituiu e lhes pôs à disposição o lavabo da Penitência, sempre eficaz em cada reinclinação, assim haja do pecador o arrependimento.

Na própria parábola referida, o «servo mau» não sofre condenação perpétua, mas «foi entregue aos verdugos até que pagasse tudo o que devia». E esse tudo que ele jamais poderá pagar, tem-no afinal no seu coração se se arrepender e fizer penitência e de novo suplicar com humilde confiança a Misericórdia incansável do seu Senhor.

Deus, Pai infinitamente misericordioso, assim nos ensina. E para nos assimilarmos a Ele como é devido, Jesus recomenda: «Não julgueis e não sereis julgados; não condenéis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. A medida que usardes com os outros será usada convosco».

E o mesmo Espírito Divino que nos falou por S. Lucas (6/36-38), insiste pela pena de

S. Paulo (Rom 2/1): «Não tem desculpa quem quer que tu sejas que te arvoras em juiz. Pelo facto de julgares a outrem, a ti mesmo te condenas, pois tu que te arvoras em juiz, praticas as mesmas coisas».

«Perdoar do íntimo do coração» é um acto divino que só se alcança — só se vai alcançando...! — pelo exercício da Humildade, a qual nos faz reconhecer pecadores e debruçar todo o nosso pendor judicativo sobre nós mesmos e nos coloca ao lado dos Outros na bancada dos réus diante do Único Juiz.

Na parábola referida, a relação da dívida do segundo servo ao seu companheiro para a deste ao senhor de ambos é de 1 para 600.000. Eis um número que nos impressiona, mas sobre o qual nem sempre me-

ditamos suficientemente. É que, perante a imensa Bondade de Deus, a Sua infinita Dignidade, o Seu misterioso Amor pelos homens, quaisquer ofensas que estes se façam entre si são sempre insignificantes em relação à que qualquer um Lhe faz pelos seus pecados: 1 para 600.000!

Só a consciência de que somos pecadores pode moderar a nossa impetuosidade para julgar os Outros, essa tendência desgraçada para os recriminar e nos ressentirmos, mesmo quando cuidamos ter perdoado..., mas com certeza não «do íntimo do coração»!

Os Santos são os que vão à frente nesta consciência. Por isso, fosse qual fosse o caminho específico da sua santificação, todos convergiram na

via heróica e triunfante da Caridade, a única que, partindo do Tempo, penetra na Eternidade e Ali permanece quando todas as outras virtudes tiverem acabado.

A Justiça do Reino de Deus — aquela nova Justiça que Cristo veio enxertar na imperfeita justiça dos homens — também se chama Misericórdia. A identidade, simples e perfeita em Deus, para o homem, aqui e agora, permanece misteriosa e é inatingível só por ele. Porém, mesmo para o homem, aqui e agora, dificilmente há injustiça na misericórdia.

Pecados, todos os temos. Que Deus os julgue e sancione como só d'Ele é próprio. E que ninguém arrisque a sua Salvação, contrariando a Palavra que Deus nos diz por S. Tiago (2/13): «Seria julgado sem misericórdia aquele que não for misericordioso. A misericórdia triunfa sobre o juízo».

Padre Carlos

PARTILHANDO

Cont. da 3.ª página

pároco também nos esperava, ansiosamente, para nos oferecer dois pequenos irmãos a quem morreram os pais. O caso não era de total abandono. Sê-lo-ia mais, com certeza, se o seu berço fosse a cidade. Ali, não. Familiares e amigos deitam mão, os olhos e o coração por amor. Há no interior das aldeias uma intimidade e solidariedade grandes entre os que ali nascem, trabalham e vivem. Há ainda o sentido social da Família — abertura e compromisso com os Outros. Há ainda a fé nos homens e em Deus. Valores essenciais, ainda não perdidos! E o trabalho de tantos párocos a defendê-los. E o de tantos cristãos que têm o dever evangélico de assumir, com urgência, aquela missão do testemunho e da Palavra, a que são chamados por amor à sua comunidade.

Daqui seguimos para Lamego, onde o Mendão deu entrada como soldado das Operações Especiais. Deixámos atrás de nós belezas e coisas. Desde os planaltos recortados pela

verdura e secura dos campos e montes até às albufeiras das barragens cheias e vazias a lembrar mares e desertos. Deixámos pessoas e atitudes!... Desde os que nos compreendem, ajudam e estimam aos que nos atrapalham, por ignorância, incompreensão ou ingratidão e que, por isso, nos aproximam do Cireneu e da Cruz!... E levámos connosco as lembranças da nossa vida, partilhada a servir os Outros com amor e dignidade.

● O vendedor de O GALATO em Aveiro é o João Paulo. Pensamos que tem dado conta do recado; mas, ultimamente, ele tem atrasado a venda de tal maneira que deixa tudo para o outro dia! Hoje telefonar, perguntando se poderia ficar, na cidade, para o dia seguinte, que as pessoas ainda estavam de férias. Eis a sua desculpa! Disse-lhe que não e viesse a horas como os antecessores sempre fizeram.

Ele foi o substituto do «Tomate» nesta bonita e acolhedora cidade. E foi este que, há dias, em viagem comigo, me falou desde Casa até ao Porto, e sem parar, do que se estava a passar com o João Paulo. O «Tomate» perdera a audição num acidente e, por isso, deixou para sempre a venda do nosso jornal, com muita mágoa para ele, para nós e para os seus muitos amigos, tanto do Porto como de Aveiro. Tempos atrás, pediu para ir matar saudades e lá foi acompanhado do

seu sucessor. De tudo o que viu e não ouviu, me deu conta, falando com saudade e tristeza: Que o João Paulo se distraía desde o levantar ao deitar; que não aproveitava o tempo; que trocava lugares certos de amigos por incertos; que, em Cacia, lugar onde tão bem se vendia O GALATO, agora pouco e mal, etc. Foi um desabafo carregado de emoção! E terminou assim: — Eu até sou amigo e dou-me bem com ele, mas acho mal certas coisas... Eles são quase da mesma idade — tenra idade! Vão crescendo, vivendo os problemas uns dos outros, assim. Por isso, o João Paulo não pode continuar a desculpar a sua preguiça com as férias dos seus amigos! Ele é que é amigo de férias no seu tempo de trabalho.

Outrora, também o «Tomate» cometera erros... Quem não erra? Agora, é ele a dizer que não acha bem que se erre. Fá-lo por bem: — Eu até sou amigo dele... A amizade fica assim separada da cumplicidade no mal. A consciência do mal é um valor que se aumenta pela prática do bem. Um sinal de crescimento humano-espiritual.

Contei ao João tudo o que ouvira da boca do «Tomate». A resposta safu espontânea: — É preciso ter coragem para dizer isso! Gostei da reacção e desta coragem. Qual deles o mais corajoso? O que mais amigo for um do outro!

Padre Moura

TRIBUNA DE COIMBRA

Ele, de 14 anos, tinha dito que não era baptizado. Aproveitando a viagem de serviço aos vendedores de O GALATO naquela zona, fui à sua aldeia saber se sim ou não. Parei junto à fonte, no centro da povoação. Perguntei a duas senhoras, que estavam à porta duma venda, onde moravam os pais dele. Com sorrisos tristes de corações magoados, logo indicaram os dois pequenitos que estavam mesmo ali: — Estes dois também são irmãos. Vieram buscar a raçozinha de todos os dias. São uns infelizes!

Os dois pequenitos, cada qual com seu naco de boroa mimosa na mão, iam comendo como quem tem fome; vestidos e calçados como pobres abandonados, conduziram-me até casa dos pais, nas trazeiras de quintais.

A mãe não estava. Pareceu-me ser ela a única que luta pela sobrevivência da família. Estava o pai com mais três filhos, aparentemente muito bem apresentado. Foi delicado. Disse-me que este nosso e os outros mais velhos foram baptizados em pequeninos. Só os três mais novos foram baptizados há um mês.

Fiquei uns momentos a olhar aquele pai, os filhos e a casa

nova. Têm vivido sempre numa barraca de folhas de plátex. Com auxílio da Câmara e de alguns amigos, construíram agora aquela casa. Construída a tijolo e coberta a telha, está ainda sem portas e janelas e por rebocar. Pedacos de materiais velhos tapam aquilo que podem. A família numerosa já vive lá dentro.

Não fui capaz de entrar e fiquei à porta a olhar aquelas vidas novas que eu já sabia e confirmei que são vidas marcadas por muitas carências. Alguns têm má fama e as pessoas têm compaixão.

Continuei o meu caminho que me pareceu agora muito mais sombrio com as mentiras da vida social. As casas vistas, ajardinadas, sem vidas lá dentro, pareceram-me todas uns fantasmas de desafio... Dentro de mim veio o desejo profundo de pegar nos nossos carpinteiros e ir por aí fora tapar aquelas portas e janelas e abrigar aquelas vidas. Desejo de gritar bem alto a todos os que estão à porta ou à janela a ver passar a multidão dos infelizes para que se desinstalem, dêem as mãos e vão ao encontro e os ajudem a caminhar.

Padre Horácio

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

tomar por tantos pais que, à simples ideia dum filho sacerdote, sorriem, irónicos.

Falando todos os dias com o Senhor, não O conhecemos bem nem Lhe pedimos com sinceridade que mate a nossa sede angustiosa... Sede de amor, de paz e de infinito.

Só Ele é Água Viva! Estendamos a mão e digamos com fé e simplicidade: — Dá-me dessa Água, Senhor!

Padre Telmo



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Julio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel